

Psicose e autismo: Discussão sobre a diferença entre as duas estruturas¹

Rogério Isotton²

Permito-me iniciar este trabalho apresentando algumas perguntas. Será possível conceber a psicose e o autismo como duas estruturas psíquicas? Quais são as diferenças que demarcam as fronteiras entre elas? Ou será que o autismo poderia ser considerado um tipo de psicose com regressões anteriores a esquizofrenia, por exemplo? Com estes questionamentos que emergiram das leituras e dos seminários realizados em Psicopatologia III, decidi aprofundar o olhar sobre as estruturas da psicose e do autismo, buscando, como objetivo, entender sua constituição e o porquê de se propor o autismo como uma estrutura separada da psicose.

Para realizar um estudo sem perder de vista o objetivo supracitado, propõe-se inicialmente um delineamento sobre a constituição de sujeito. Posteriormente, serão abordadas as características das estruturas psicótica e autista e, por fim, uma breve discussão relacionando as conclusões com o objetivo proposto.

Constituição de sujeito

A partir do momento em que a notícia de uma gravidez é revelada, os investimentos psíquicos e processos de simbolização podem emergir na dinâmica vital da mãe e do pai. Considera-se, para este estudo, a premissa de que o sujeito não nasce, ele se constitui. Dessa maneira, os primeiros momentos do sujeito não ocorrem simultaneamente com o nascimento, pois existem elementos da constituição que são anteriores e que irão encarnar o bebê ao nascer. (Ellia, 2004).

Pressupõe-se que nos primeiros instantes de vida, o bebê é um organismo que se desenvolve biologicamente, sem haver a marca do significante (Jardim, 2000). Sua fragilidade, limitação e total dependência do Outro para a sobrevivência são características intrínsecas a um ser humano, o que Freud denominou de desamparo fundamental. O bebê encontra o Outro constituído de maneira única e vinculado a uma família, não desconsiderando a diversidade de configurações familiares existentes na contemporaneidade. Também pode ser recebido por instituições que desempenham a função da família, mesmo que, por vezes, minimamente. A família ou as instituições estão vinculadas a um contexto social e assim abrem as portas para que o bebê adentre o meio social. (Ellia, 2004).

A partir do desamparo fundamental, entende-se que não há completude no ser humano, evidenciando, desta maneira, a dimensão da falta que, considerada fundante do sujeito, requer o ato para se constituir como tal. Assim, o bebê está colocado como um ser de necessidade e irá encontrar no outro, mesmo que parcialmente, sua satisfação (Ellia, 2004).

O sujeito se constitui no encontro com o Outro. Este que é um esqueleto material e simbólico da ordem social, que por sua vez, comporta os valores, as ideologias, os princípios e significações. Isso será transmitido ao bebê através de uma ação dotada de significantes que produzirão significados e será constituinte do sujeito (Ellia, 2004).

Para o bebê, esse Outro é a mãe. O Outro materno apropriado do significante irá oferecer ao bebê não somente o leite, objeto de satisfação de sua necessidade instintiva, mas também o significante. A partir deste momento, ele é convocado a romper com sua condição instintiva para ingressar na dimensão pulsional. Para Freud essa é a passagem do objeto de necessidade para o objeto de desejo, pois o que ficou registrado na

¹ Trabalho apresentado em Jornada de Estudos do CPRS em 14 de junho de 2014.

² Em formação em psicanálise no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – 3º semestre

experiência psíquica foi a satisfação da necessidade, retirando, inevitavelmente, a pureza orgânica. O sujeito passa a buscar a satisfação a partir do registro psíquico, caracterizando-o como um sujeito do desejo (Ellia, 2004).

A relação que se desdobra com o Outro que assume a função de referência e de criador de desejo é mediada pela linguagem. Nessa relação, o bebê se torna sujeito, se apropria da linguagem, dos significantes e percebe-se com um corpo delimitado e separado do corpo da mãe, capaz de produzir sua história e de se apropriar de seus desejos a partir do desejo da mãe. Dessa maneira, pode-se afirmar que é pelo exercício da função materna que se instaura o sujeito no bebê (Jardim, 2000).

A partir do estágio do espelho, o Outro reflete uma imagem e o bebê se reconhece a partir deste reflexo, constituindo a imagem de um corpo e recebendo a transmissão do desejo de existir e de pertencer a uma história. A criança que passa pelo estágio do espelho constrói uma imagem psíquica de si mesma e do Outro antes mesmo de desenvolver sua autonomia para caminhar e se comunicar através da linguagem verbal (Jerusalinsky, 2012; Jardim, 2000; Laznik, 2012).

Constitui-se, portanto, a função do reconhecimento, cuja criança passa a ter a potencialidade de representar através de palavras a si própria e aos outros. A função de reconhecimento tem importância especial para a constituição do sujeito, pois é o caminho para o ingresso no mundo humano (Jerusalinsky, 2012).

Em outras palavras:

Na posição de Outro primordial, a mãe transmite ao seu bebê a linguagem, pois, ao pegá-lo, ao trocá-lo, ao amamenta-lo, ao dirigir-lhe palavras, a mãe oferece marcas ao bebê, marcas que lhes dizem respeito, já que ela própria está submetida à linguagem. Uma mãe transmite ao bebê aqueles significantes que a tocam, ao mesmo tempo em que demarca, no corpo da criança, a falta fundamental inerente ao sujeito (Jardim, 2000, p. 56).

Alguns traços que demarcam o Autismo

Kanner (1943, apud Jardim, 2000) iniciou os estudos referentes ao autismo e apontou para uma patologia de causas orgânicas. Em sua atividade profissional com crianças, percebeu traços comuns entre elas, a saber: ausência estereotípia na fala, ecolalias e trocas pronominais. O quadro estava presente nos primeiros meses de vida e caracterizava-se também pela tendência ao isolamento e ausência ou atraso no desenvolvimento da linguagem. O autor relacionou parte destes sintomas ao comportamento dos pais, considerando-os frios, intelectuais, voltados ao campo das ideias e com a dinâmica inter-relacional minimizada.

Autores como Rimland, Hutt e Hutt, Ornitz, Deslauniers e Carlson corroboram os estudos de Kanner afirmando que o autismo decorre de deficiências orgânicas. Porém, autores como Winnicott, Bettelheim, Foster, Jerusalinsky e Tustin, embora não discordem totalmente que alguns casos de autismo decorram de causas orgânicas, afirmam que existem autistas que não apresentam anomalias físicas e que as causas da constituição desta estrutura estão ligadas a uma deficiência na formação psíquica do sujeito (Jerusalinsky, 2012).

Para este autor, o autismo se desenvolve a partir do desequilíbrio na relação mãe-bebe causado pelas condições psíquicas da mãe ou por fatores da formação do bebê. Esse desequilíbrio impede sua inserção no campo simbólico e imaginário. O mesmo autor, afirma que ocorre um fracasso na passagem dos significados contidos no meio social para o sujeito, o que é intermediado pela linguagem. Por outro lado, prevalecem os automatismos extraídos de valores relacionais e que dificultam o ingresso do Outro na formação do bebê, bem como seu próprio ingresso no meio familiar e social. Na estrutura autista, não acontece a constituição da função de reconhecimento, o que consequentemente impedirá a criança de permear a seara linguística. Assim, instala-se uma barreira impenetrável entre a criança e o Outro (Jerusalinsky, 2012).

O bebê autista está fechado em si mesmo, em seu próprio corpo, barrando a mãe de imprimir suas marcas. *“Poderíamos explicar assim as frequentes estereotípias de crianças autistas: mãos à boca, balanceio, ausência de olhar e ausência de fala, entre outras”*. Da mesma forma, o acesso ao primeiro significante está fechado, o que impe a criança de ingressar no encadeamento de significantes *“que formariam uma cadeia discursiva. Ou seja, a criança autista não consegue forma linguística de representação de si”* (Laznik, 1991 apud Jardim, 2000).

Destaca-se também que no autismo está impresso o fracasso na função materna. Quando o desejo da mãe pelo seu bebe está apagado, quando ela não consegue nomear o corpo do seu filho, seus balbucios e as emissões de sensações geradas pelo corpo, quando não se pressupõe um sujeito naquele corpo, então não há constituição de sujeito (Jardim, 2000; Laznik, 2012).

Laznik (2012) afirma que há dois sinais determinantes e característicos da estrutura autista: a) o não olhar entre a mãe e o bebê; b) o fracasso do circuito pulsional completo. No primeiro, o estádio do espelho não se constitui ou fica mal constituído e aparece claramente uma barreira entre a mãe e o bebê. No segundo, o bebê não recebe o significante e, portanto, não é convocado a ingressar no campo pulsional. Em outras palavras, o autista permanece no registro da necessidade orgânica, não se tornando sujeito do desejo.

Tratar o autismo como estrutura ao lado da psicose, neurose e perversão, necessita da compreensão de que o inconsciente se estrutura como linguagem. A partir disso, pode-se avançar e afirmar que o mecanismo de defesa operante no autismo é a exclusão. A estrutura autista se constitui excluída da relação com o outro e, conseqüentemente, excluída da esfera da linguagem (Jerusalinsky, 2012).

Alguns traços da estrutura psicótica

Avançando um pouco na constituição do sujeito para entender a estrutura psicótica, é importante considerar que a criança que se apropriou da linguagem e se representa é aquela que ocupou o lugar no desejo da mãe e que, posteriormente, passa pela intervenção da função paterna (Jardim, 2000).

Na estrutura psicótica ocorre um descompasso na ruptura com os significantes do Outro. O bebê fica colado no discurso do Outro e não consegue desenvolver e ocupar seu próprio lugar (Jardim, 2000; Bergeret, 2000). É a fala da mãe que o psicótico reproduz de maneira idêntica no seu próprio discurso (Lacan, 1955-6 apud Jardim, 2000). O Outro materno é tão invasivo e aniquilador que o bebê encontra um único caminho: permanecer colado na imagem e da mãe (Jardim, 2000). Além disso, a função paterna não existe ou está enfraquecida a ponto de não promover uma ruptura na dualidade mãe-bebê. (Jardim, 2000; Bergeret, 2000).

Considera-se que houve uma falha na organização narcísica da criança evidenciada pela relação fusional com a mãe e que culminará na incompletude da formação do Ego, que terá seus fragmentos colados com maior ou menor firmeza, mas que poderá se descolar como um cristal que se estilhaça após o impacto com a concretude da realidade. A angústia não é da castração, mas desta fragmentação que pode ocorrer em contato com o que está fora de seu controle, a realidade. O insucesso na organização narcísica promove atitudes autísticas mais ou menos severas, dependendo do grau de regressão das fixações. Nos casos mais regressivos de esquizofrenia a relação não chega à dualidade (Bergeret, 2000).

O psicótico não terá um ego constituído integralmente, terá um ego fragilizado, com a possibilidade de fácil desintegração. Com isso, o psicótico estabelece o conflito psíquico entre o Id e o meio externo, pois o Ego não está preparado para ser palco dos conflitos entre as instâncias psíquicas, como ocorre na estrutura neurótica (Lerner, 2010, Bergeret, 2000). Nessa dinâmica do psiquismo, o psicótico irá utilizar o mecanismo da recusa da

realidade. O que mudará é a realidade, pois não há estrutura para suportá-la como tal, o que fará com que o psicótico crie uma realidade a partir de si mesmo (Lerner, 2010).

Considera-se que a psicose é uma desestruturação psíquica desencadeada na adolescência ou na vida adulta que está ligada a um evento traumático ocorrido na infância (Nasio, 2011). A estrutura psicótica se organiza na infância a partir de fixações que se estabelecem nas fases anteriores a chamada Divided Line, proposta por Abraham. Esta linha de divisão está colocada no estágio anal do desenvolvimento psicosssexual infantil, mais especificamente entre as subdivisões de rejeição e retenção do estágio anal. As fixações que ocorrem no período anterior a Divided Line demarcam uma organização psicótica (Bergeret, 2000) que ficará incubada na fase de latência (Bergeret, 2000; Nasio, 2011).

No psicótico, o superego não está constituído (Bergeret, 2000). Há uma recusa à castração e, conseqüentemente, o impedimento da entrada da interdição e normatização (Nasio, 2011), culminando em uma recusa à realidade (Lerner, 2010). É a primazia da forclusão como mecanismo de defesa (Nasio, 2011). Através deste mecanismo, o sujeito rejeita radicalmente o impacto de um evento traumático. As sensações serão anestesiadas fazendo com que o sujeito perceba, mas não sinta o evento traumático. Isso provoca uma falha grave na constituição do sujeito, ou seja, deixará um vazio, um buraco na constituição psíquica que irá perturbá-lo. A alucinação, o delírio, a despersonalização são resultado da tentativa de preenchimento desta brecha que está na constituição do sujeito.

Para ilustrar e finalizar esta seção, cabe uma citação de Bergeret (2000):

Um homem que toca violino, o neurótico poderia dar uma interpretação simbólica: 'tu tocas violino com um prazer tão forte como se tu te masturbasses', enquanto que o psicótico perde o sentido da própria realidade intermediária do violino; ele deixa de ver o violino e dirige-se ao inconsciente daquele que toca de forma brutal e direta a partir de seu próprio inconsciente: 'Já acabaste de te masturbar?' (Bergeret, 2000, p. 78).

Considerações Finais

Após retomar o curso natural da constituição do sujeito e as algumas características da estrutura psicótica e autista, retomo as perguntas iniciais, não para tentar responde-las em sua totalidade, mas para discuti-las.

Iniciamos por retomar o estudo de Bergeret (2000), que, por sua vez, retoma a teoria de Abraham, apresentando um esquema que contempla os estágios do desenvolvimento psicosssexual infantil e que está dividido pela chamada Divided Line. A linha está colocada entre o estágio anal de rejeição e o de retenção e as fixações que ocorrem antes da Divided Line marcam a constituição da estrutura psicótica enquanto que as fixações que ocorrem depois da Divided Line projetam o sujeito para uma estrutura neurótica. Poderíamos incluir neste esquema, imediatamente anterior às fixações que marcariam a esquizofrenia, o autismo, considerando-o anterior a Divided Line e, conseqüentemente, um tipo de psicose? Parece convincente se considerarmos que Bergeret (2000) afirma que os quadros mais graves de esquizofrenia não chegam ao relacionamento dual, ou seja, a relação mãe-bebê não se estabelece, idêntico ao autismo.

Por outro lado, considerando os mecanismos de defesa predominantes na psicose e no autismo, poderíamos afirmar que com maior clareza que o autismo deve ser entendido como estrutura. Parece claro se observarmos a teoria de que cada estrutura possui um mecanismo de defesa, a saber: na neurose, o recalçamento, na perversão, a denegação, na psicose, a forclusão e no autismo a exclusão (Jerusalinsky, 2012). Enquanto que na psicose opera a forclusão, abrindo um vazio, um buraco na experiência do sujeito, impedindo-o de viver o evento traumático vinculado aos sentimentos gerados, ou seja, negando a realidade, o autismo está excluído da realidade. O psicótico sabe que a realidade está posta, mas a nega, enquanto que o autista está preso em seu interior e

excluído da realidade. Na psicose, o Ego está constituído parcialmente, o superego não se constitui e o fracasso está ligado a função paterna. No autismo, não há um sujeito constituído e a deficiência está no desempenho da função materna.

Certamente que não será possível esgotar os estudos sobre o tema, nem caberia ser tão pretencioso. O interesse é despertar e ampliar a discussão, não necessariamente para responder se o autismo deve ou não ser entendido como uma estrutura, mas para entender os traços diferenciais entre as duas patologias, nada mais que o necessário para realizar um trabalho clínico-analítico que beneficiará o paciente.

Referências

Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica* (3a ed.). Lisboa: Climepsi.

Ellia, L. (2004). *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Jardim, G. (2001). *Psicoses e autismo na infância: impasses na constituição do sujeito*. *Estilos da clínica*, 6(10), 52-68.

Jerusalinsky, A. (2012). *Psicanálise do autismo* (2a ed.). São Paulo: Langage.

Laznik, M.. (2012). *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma.

Lerner, A. B. C. (2010). A escrita e a psicose da criança: uma proposta de tratamento. In M. C. M. Kupfer & F. S. C. N. Pinto (Org.), *Lugar da vida, vinte anos depois* (pp. 113-128). São Paulo: Escuta.

Nasio, J.-D. (2011). *Os olhos de Laura*. Rio de Janeiro: Zahar.